

Convocatória do Colóquio

Os nomes do Pai na clínica psicanalítica

A função do Pai atravessa o discurso da psicanálise segundo diferentes instâncias do significante: seja como Nome do Pai, como metáfora que diz respeito à substituição de um significante por outro; seja em termos dos Nomes do Pai, no plural, que situam o objeto *a* de um novo modo no ensino de Lacan; seja no fantasma em sua dobradiça com o sintoma; seja como referência para a interpretação enquanto limite, a respeito de se o pai coincidiria com o significante mestre ou não; seja como suplência a que tudo seja submetido à função fálica, quer dizer, o pai como “ao menos um” que diz não a função fálica; seja como *sinthoma* em sua relação com *alíngua*.

Na psicanálise a pergunta “o que é um pai?” só pode ser relançada, e não respondida. E precisa ser relançada em diferentes tempos do percurso de análise. A pergunta se mantém em suspenso uma vez que existem diversas instâncias da paternidade, sendo que cada uma delas articula uma resposta parcial e essas respostas contradizem-se entre si. Vemos isto tanto em Freud – já que o assassinato do pai que goza de todas as mulheres de Totem e Tabu não é o mesmo que o do pai morto e castrado do Complexo de Édipo – como em Lacan – que enlaçando os pais (o real, o simbólico e o imaginário) os faz equivalentes para então diferenciá-los, já que são heterogêneos.

O fato é que só na linguagem podemos dizer que há pai, o que quer dizer que para que haja pai é preciso que ele passe pelo crivo do tempo das questões edípicas, segundo os enigmas do assassinato do pai. Caso contrário, não há pai, pelo menos não há um pai para assassinar, um pai para que se cumpra a operação simbólica da castração que leva à função da nomeação. É pela incidência do significante em relação ao sexo que a castração se situa como operação real que determina o pai como impossível.

Entre o que faz nome e o impossível de nomear, a função paterna atravessa de ponta a ponta os trilhos que Freud e Lacan nos legaram. “O que é um Pai?”, não pode ser respondido diretamente. É preciso sustentar o Um da fenda, da hiância, da falta que diz respeito ao inconsciente. O que importa é não deixar excluídos os interrogantes sobre o desejo e o inconsciente. Em nossos dias isto é uma necessidade de discurso, já que as filiações em relação à prova genética da paternidade dominam, levando a uma postulação da verdade como biológica, fato este que encontra apoio jurídico em relação ao Estado, e pode, portanto, obrigar um homem a assumir uma paternidade. Isto quer dizer que a resistência aos interrogantes em relação ao saber inconsciente e à dimensão da verdade é muito forte. Entretanto, a verdade na psicanálise é uma diz-mansão, e não tem a ver com a verdade tomada na via religiosa ou a da prova científica. Ela só pode se apresentar como enigma, e a um enigma não se responde diretamente, exigindo o semi-dizer.

Isto faz questão na transmissão da psicanálise, pois para a psicanálise não se é nomeado como analista, embora haja, no meio psicanalítico, especialistas interessados neste sistema e que tomam o passe desta maneira. Contudo, que não se trate de ser nomeado como psicanalista não quer dizer que qualquer um possa entrar na psicanálise como um rinoceronte na loja de porcelanas: o psicanalista para se autorizar - e se autoriza com outros, já que no grupo há um real - algo precisa se escrever para que se inscreva, como

propõe Lacan. Isto porque há coisas, a nível do que emerge de real, que tem a ver com as letras, que pode ser algo novo em termos da redistribuição das letras.

Este é um fato discursivo que mais fortemente nos convoca: a letra enquanto, dá acesso ao real da experiência analítica, a castração como real.

Lacan, dez anos após ter iniciado um Seminário, em 1963, que tinha como título “Os nomes do pai” e que ficou conhecido como o Seminário interrompido, e do qual só há uma única aula, dá início ao seu vigésimo primeiro Seminário, 1973, que tem o título de “Os não-tolos erram”. O que nos convoca é que este título na língua de Lacan, o francês, “Les non-dupes errent” ressoa, estritamente, da mesma maneira que “Les noms du père”, “Os nomes do pai”.

“Les non dupes errent” e “Les noms du père” ressoam muito bem, o que contraria os letrados e situa uma riqueza, no caso, da língua francesa. Diz-nos Lacan que se trata, pela identidade fonemática, do mesmo saber inconsciente a decifrar, mas que, o sentido não é o mesmo e por razões de ortografia, o que nos leva as questões das relações da função da escrita com a linguagem.

Como aponta Lacan neste Seminário 21, há aí um recomeço. Diz ele: “Recomeço, inclusive porque havia acreditado poder terminar. Esta crença me deu ocasião de levar em conta algo: o passado.” Trata-se no caso de um recomeço, de um relançamento, de uma reintrodução da questão da consistência do corpo, do inconsciente enquanto real do corpo falante ao que só se tem acesso pelo *a* enquanto letra, uma letra que dá acesso ao real. É por esta referencia à escrita que o sujeito encontra seu real, o inconsciente enquanto consiste num saber no real que Lacan chamou alíngua.

Esperando que a pergunta “o que é um Pai?” e que a questão dos “nomes do Pai” possam fazer enigma, convidamos os interessados a virem discutir conosco, ou simplesmente tomar conhecimento dos argumentos que emergirem neste colóquio entre franceses e brasileiros.